

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 29 de outubro de 1854 – Edição 44

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00044.pdf

3.º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 29 DE OUTUBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Não é sem muita razão que os nossos patricios provincianos, quando vem á côrte, com difficuldade della regressão aos seus lares, não obstante opinarem pela superioridade das bellezas e encantos da terra patria, quando não chegam mesmo a querer que se lhes conceda mais movimento, mais animação e mais civilização do que ha na côrte. São illusões do amor da patria, que devem ser toleradas, porque são o excesso de uma virtude, e tanto mais toleradas quanto elles demonstrão praticamente sua contraria convicção na frequencia de nossas brilhantes e fascinadoras companhias. E' isto o que temos visto constantemente nos nossos bailes e nas reuniões particulares onde temos tido a fortuna de encontrar alguns destes cavalheiros, observando em alguns pequenas irregularidades da etiqueta, que são filhas da diversidade dos costumes da terra, como acontece sempre em toda a parte, sem que possa ser censuravel por nós aquillo que não usamos pelo mesmo modo.

Devo observar que o que mais agrada á estes elegantes é a franqueza do nosso trato e conversação, quer nos passeios, quer nas contradanças; o que talvez não seja muito commum em algumas provincias; e tanto é isto verdade que no-lo confessou, ha poucos dias, em uma reunião, onde nos encontrámos com um provinciano.

Esta reunião teve lugar em uma das mais pitorescas e agradáveis chacharas do lado do Catete, onde passámos um dia de plena satisfação conversando, dançando e rindo, até que foi servido um magnifico jantar que terminou com um brinde ao anniversario natalicio do innocente primogenito do nobre hospede. Dahi passarão os convivas a entreter-se com as elegantes senhoras entre as flores do jardim, que forneceu em cada petala um emblema, em cada botão um pensamento, em cada folha um... um riso, um dito ou uma esperança, que se trocarão entre damas e cavalheiros, até que o adormecer do sol no cimo das serras fez dirigir os passos da contente companhia para o magnifico salão, que estava já ricamente illuminado e prompto a receber grande concorrencia de convidados, que bem pouco se fez esperar.

Pouco antes das oito horas uma orchestra chamou os cavalheiros ao meio da sala com seus pares; e, se até então havia reinado o prazer, dahi em diante reinou o delirio até cerca de tres horas da madrugada sobre essa companhia de talvez duzentas pessoas. Ouvimos cantar duas lindas arias e um duetto com perfeita execução: uma interessante senhora executou tambem ao piano umas difficeis variações de Herz: um amador nos fez ouvir os maviosos sons de uma flauta concertada com o piano; e além disso o chá, os

doces, os sorvetes offerecidos pela sala, de instante a instante, fizerão o complemento de um baile sumptuoso e animado.

Depois da meia noite começarão a retirar-se algumas pessoas; e, quando estava a companhia reduzida á metade, teve então lugar o folgar: entao se cantou modinhas, lundus, etc., até que a prudencia intimou a retirada dos convidados para se não tornarem incommodos aos donos da casa.

Esta bella companhia foi sem duvida uma bella compensação de algum baile que houvesse tido lugar nesta semana; o qual não offereceria certamente a variedade e animação que preside sempre á uma escolhida companhia que fórma um baile depois de um dia passado no prazer de uma casa de campo, ouvindo o trinado cântico dos pássaros, sentindo o aroma das flores, e fruindo o fresco bafejo de uma suave brisa.

Está me parecendo, leitoras, que invejais o dia que tivemos, como acabamos de contar-vos: é por certo para invejar, e mais ainda o fora, se nos houvesse sido possivel ter-vos todas

na companhia, que sem duvida seria muito mais abrilhantada pelos vossos encantos e pelas vossas prendas.

Alina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA.—Cabellos em bandos chatos e lisos guarnecidos de uma trança circulando em meio da cabeça.

Vestido de tafetá escocez, verde: saia lisa: corpo decotado, com pelerine afogada; aberta adiante, toda guarnecida de um crespo de fita.

Cintura redonda ornada com um laço de fita sem pontas. Um laço igual na abertura da pelerine.

Manga-pagode enfeitada tambem de um crespo de fita.

Renda Valenciana na gola, e sub-mangas de Valenciana.

VESTUARIO PARA RECEBER VISITAS.—Cabello em bandos estufados, de raizes puxadas. Meia touca de renda enfeitada de laços de fita de veludo.

Vestido de tafetá côr de violeta: saia de nesga aliante, guarnecida com cinco folhos bordados de seda frouxa e orlados de uma franginha. Corpo afogado, coberto por um cabeção igualmente afogado, de renda *guipure*, e prosa toda por botões que acompanhão a saia até a altura dos folhos.

Mangas á Médicis, enfeitadas de um fofo e tres folhos.

Sub-mangas de *guipure* recortada.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de blond ornado delicadamente de rosas entre-abertas. Bandós de cabelo ondeado.

Vestido e manteleta de nobreza preta. A saia enfeitada com tres ordens de franja hespanhola acompanhadas de um crespo de fita verde, cada uma.

A manteleta é igualmente enfeitada de crespo de fita verde e franja hespanhola.

Sub-mangas e collarinho de renda maline.

SINA MA', BEM MAL MERECEIDA!

Quando faz muito frio, muito frio..... e o vento sibilla por entre as fendas da janella ou porta meia desconjuntada, e a esquiva lua se não apraz de descobrir o rosto luminoso, e as buliçosas estrellas mal ousão de se mostrar, e a agua cahe a cantaros por essas ermas ruas da

nossa mui populosa capital, nessas horas—se um bom par de cavacos brilhão accesos na lareira, e o seu calor aviventa e anima o corpo, molesto e regelado; o veterano se consola relendo e trelendo os commentarios de Cezar, ou em meditar no bello livro de Plutarco; o mancebo vivaz lança mão de um drama de Victor-Hugo e o devora sem respirar; o classico se arremessa affouto a um sermão do padre Vieira, ou traga com avidez um capitulo de Fernão Mendes; o mestre sapateiro solétra em vóz alta aos aprendizes pinhados em torno da mesa coxa e encebada o encontro de Roldão e Ferrabraz, ou a passagem da ponte de Mantible; a velha com uma saia de baeta verde, touca de panninho, roupinhas de estamenha azul, com caixa de esturro ao pé e os óculos na ponta do nariz, conta ás netas e netinhas historias mui bellas e viçosas de cavalleiros andantes, bruxas, fadas e lobishomens, enquanto o avô encovillado na cama com o seu barrete de algodão, camisa de malha, e depois de haver tomado a usual tisana, scisma no casamento das netas, nos dotes que lhes ha de dar, até que adormece, para acordar no outro dia, ao romper da alva.

Mas com fadas é que nós nos queremos, as bruxas são maléficas e impertinentes.

Ora não ha fada que por via de regra não seja bella como as que o são, senhora do seu jardim de sete fontes, e de sete mil flores. — Escrevo



com penna de aço, e não posso, queridissimas leitoras, chegar-vos ao coração com o mavioso de uma descripção de beleza ideal.

Em summa, as fadas são as senhoras, e as bruxas umas suas servas. Vamos nós ao nosso conto, que estou pulando por vol-o contar.

Quando tal se passou tinha eu um covado de altura, e nos annos o triplo dos palmos que elle contém: já vedes que tinha os meus nove. Era em 1841. Ouvi este veridico conto a uma velha, que o contava a duas netas, e que por sinal já tinham deixado cahir um bom par de malhas das meias em que trabalhavão, e que, embebecidas no que ouvião, não acertavão em dar um matte.

Era no Alemtejo, paiz natal das fadas portuguezas, e onde tantas ha como de mágicas houve na antiga Thessalia, a qual mais bella e discreta; e isto é verdade; se não fosse, nao vol-o dizia.

A velha tossiu, tomou sua pitada, espivitou a candeia prestes a morrer, e sacudiu o tapete por causa das más idéas. — Ouçamos.

Começava quando o velho de barrete de algodão acordou com o seu impertinente catharro. Tossiu, tornou a tossir; julguei que daquella arrebetava! Um bem applicado xarope de ameixas e peros o socegou, e virando-se para o outro lado, depois de haver rezado um padre-nosso, dormiu o somno da descrepidez, que bem poderá ser tão socegado como o da infancia. — A avósinha começou fazendo primeiro o Signal da cruz.

— Havia ali para as bandas da Serra d'Ossa uma velha, muito velha, de quem dizem as más línguas, que recebêra do espírito maligno patente de fada. E' caso verdadeiro. A boa da minha velha tinha duas netas — Florinda e Adosinda — ambas gemeas. Um dia forão-se ellas a passear ao seu jardim — era em abril: abril bem sabeis vós que é o mez das flores: tantas côres, tantos ricos cheiros enlevão a phantasia!

Queria a fada maravilhar as netas com um encantamento súbito por onde ficasse conhecendo o genio de cada uma.

Se bem o pensou, melhor o fez. Ouvi, ouvi, aqui é que vai o chiste.

As agulhas parárao; e a porta da alcova rangeu. Ruim agoiro. Como vos dizia, queria a fada tomar a subitas as netas com um encantamento: assim foi; ellas a passarem pela cascata que está na rua do meio do seu jardim, e a entrarem n'um caramanchão de rosas, quando virão um jasmim alvo e puro que brigava com uma rosa toda pudor, toda carmim. Nao era vento, que batia as duas flores uma com a outra; que nem havia vento naquelle dia; nem que o houvesse poderia elle entrar no caramanchão: era uma briga, muito briga, de tão rijos encantos que as

folhas das duas doidinhas se amarrotavão, muitas dellas cahião, e do logar donde cahia ficava logo escorrendo o çumo cheiroso, que é o sangue das flores. Recuárão as meninas espavoridas como querendo duvidar daquillo que era mais que realidade. Ellas a recuarem, e ellas a darem com os olhos n'um milhafre que devorava uma pomba alva como a neve.

Florinda e Adosinda apertárão ao peito os bentinhos. Tinha-lh'os dado um santo ermitão da Serra d'Arrabida.

— Minhas netas, enquanto ha fé vai tudo bem, não ha más tentações, e fogem os pensamentos ruins. Deixárão de pensar nos seus bentinhos, ficarão perdidas. — Já a fada lhes não podia valer, estava escripto no livro dos destinos que ambas serão infelizes.

— A historia faz arripiar, avósinha: mas conte, conte: queremos saber o resto.

— Pois o resto é o melhor.

— A rosa a lutar com o jasmim—o milhafre devorando a pomba—erão advertencias de sobejo. De nada servirão.—Vai senão quando, entrão a pensar em casamentos. — De casamentos paixão a discursar em fadas. — « Quem nos dera que houvesse uma fada que cumprisse todos os nossos desejos! Sempre havíamos de ser muito felizes! »

Palavras não erão ditas, e uma fada a erguer-se como o vapôrzinho de cima da terra.

— Que desejais das fadas? — Aqui tendes uma prompta a obedecer aos vossos mínimos desejos.

E assim era.

— Que susto, minha avó, que não terião as pobres raparigas.

— Assim supponho; mas dellas é que era a culpa.

— E não sabeis dizer quem era a fada?

— A fada, minhas netas, era a avó das raparigas que se tinha transformado, e em vez de touca trazia um toucado riquíssimo, e em vez de saias e roupinhas um manto claro de neve. Era uma surpensão vel-a. A' pergunta da fada, ficarão a principio attonitas; mas, tornando em si, disserão quasi ao mesmo tempo: « Que nos caseis, que nos caseis, senhora fada, e que seja para logo; e o que só vos pedimos... » Assim foi. A boa da fada sacou da sua varinha de condão. E mal havia batido com ella tres vezes na terra quando dous guapos moços apparecêrão. Erão dous Adonis para endoudecere a outras menos cobiçosas de se casar, quanto mais ás nossas duas louquinhas.

— E que fizerão? que fizerão, minha avó?

— A fada mandou que escolhesse cada uma um noivo.

— E depois?

— Cada qual fez a sua escolha—negregada escolha que ellas fizerão.

— Sim! coitadinhas! que má fada! e nós que já começávamos a querer-lhe tanto.

Depois desta curtíssima interrupção a velha esfregou a testa, como para se recordar, e continuou desta maneira:

— Um domingo depois, era domingo de Pascoa, o cura da freguezia caminhava para a igreja todo loução e escovado, montado no seu macho preto todo lizado de fitas e flores. Naquelle dia havia de celebrar dous casamentos. Os sinos repicavão a bom repicar. Adosinda e Florinda casarão-se, por sinal que houve umas bodas muito grandes, a que assistirão muitas fadas, que ninguém viu, mas todas muito feias segundo se contou ao depois daquellas terras. Uma das noivas havia esposado honrado e esbelto

— 348 —

mancebo. Esbelta e honrada era ella, mas os ciumes, os ciúmes....

— Quem sao os ciumes, avósinha?

— Os ciumes, os ciumes, minhas netas, são... são uns bruxos.... mas isso não vem para a historia.

A velha não disse mais. — Estava realisada a prophesia da lucta das flores.

— E a outra, dissei-nos o que foi feito da outra.

— A outra casou com um senhor soberbão, como o próprio Satanaz. Ao fim de um anno já não era a mesma — bonita sim, mas defecada, triste e desconfiada. O milhafre tinha martyrisado a pomba.

— E que fizeram á fada? O rei desta terra não a mandou queimar?

— Não, minha neta, não. Dizem que a fada se tornára tão pessima que o demonio n'uma noite muito escura veio mandado por Nossa Senhora tirar-lhe todos os seus poderes, e rasgar-lhe na cára a patente que lhe dera, escripta com carcão; — e que em dia de S. Bartholomeu a fada fez vispere, e foi-se para as arêas gordas. O caso é que de então para cá desaparecerão as fadas no Alemtejo.

— Amen! disserão á uma as raparigas persignando se.

— Deus vos ouça, minhas netas.

O serão estava por um triz a acabar por falta de azeite na candeia.

Passados annos, o mesmo que succedêra a Adosinda e Florinda, veio acontecer ás incançaveis ouvintes desta mui verdadeira e acreditada.

Luiz Augusto Palmeirim.

POESIA.
CORAÇÃO.

Que tens tu, meu coração?
Porque choras tão sentido?...
Porque não buscas, querido,
N'outro amor — consolação?
Ah!... não pôde um peito triste
Que aprouve amor rasgar,
N'outro amor ir mitigar
Dor, a que em vão resiste?

Porque choras, coração?
Inda sangra, em teus adyctos,
Esses golpes tão maldictos
Que só te deu a paixão?
Ah!... não queiras magoar,
Com mais dores, as feridas
Que fizeram, tão sentidas,
Desses olhos o vibrar.
Geme, geme, coração;
Que tu tens mais a fazer?
Dores maiores soffrer,
Mór pezar, mór afflicção?

Ah!.... não queiras mais amor...
Deixa, deixa.... não te importe
Mais tal chamma;—a tua sorte
E' soffrer della o rigor.

Joséfon.

DESESPERO.

Nem uma estrella no Céu

Que me podesse guiar;
Nem tambem luzinha errante
Que viesse allumiar;
Nem nuvemzinha branca
Que me indicasse o logar
 Onde perdidos amores
 Tinhão ido se esconder;
 Onde doces illusões
 Tinhão-se ido esvaecer,
 A' meus olhos tristes, tristes,
 Por verter pranto cruel;
 A' minha alma quasi douda
 Por sorver amargo fel.

Uma estrellinha no Céu
Não descobri a luzir!
Foi amores que perdi,
Que perderão seu fulgir!
Temeu que estrellas pudessem
Seu retiro descobrir,
 Onde perdidos affagos
 Tinhão ido se occultar;
 Onde arrufos, tão queridos,
 Nunca mais possa gozar.

— 349 —

O meu peito, triste, triste,
Quando tristes os sentia;
Mas, apos embevecido
Nos prazeres que fruia.

Nem tambem luzinha errante
Que eu seguisse em meus ardores;

Que phanal, só —de esperanças,
Me guiasse em meus amores,
Desfazendo ancias crueis
No meu peito, em crueis dores,
Onde outr'ora, tão suave
Doce affago vi raiar;
Onde, outr'ora, tão gostosos
Senti fogos me abraçar;
E minha alma, triste, triste,
Não sabia se exprimir....
Gostos, mas, tambem tristeza
Seu amor dava a fruir.
Uma nuvemzinha pura
Não deixou-se descobrir....
Que no Céu fosse raiar
Onde amores meus sentir!...
Tudo, tudo offusca amores,
Que cruéis vejo fugir!
E minha alma triste, triste,
Onde poder encontral-os?...
Se o Céu, por meus amores,
Tudo fez por m'occultal-os!...

Joséfon.

ALLEGORIA.
(N'UM ALBUM.)

Linda flor
Que as campinas embelleces,
Como cresces
Tão viçosa!
Quando abres e presentes,
Cuidadosa
Vir beijar-te a doce brisa,

Logo sentes
Em teu seio estar amor;
Anciosa,
Emquanto a doce brisa
Em seu bafejo
Seus encantos suavisa,
E' sómente teu desejo
Terno beijo
Do mimoso beija-flor.
Avesinha
Tão gentil,
Que revôas lá no ar,
A florzinha
Vem beijar.
Não lhe sejas inconstante,
Tu a agastas:
Tua amante
Em amor é melindrosa;
Descuidosa,
Se te afastas,
Se asinha em tornar.
Flor mimosa,
Quanto eu gosto de te olhar!
Tua alvura
Tão formosa,
Qual a côr da neve pura,
Como encanta o coração!
— E por leis da natureza,
Dentro em pouco, essa bellezza
Rolará
Resequida, lá no chão!

Avezinha cambiante
Que revôas lá no ar,

Não m'a venhas machucar!
Tem, tem dó da tua amante...
Mais depressa
O teu beijo poderá
Visinhal-a á sepultura.
Beija, beija, mas de leve,
Com ternura;
Cessa, cessa
Ardores teus;
Pois, em breve,
Tu bem podes, beija-flor,
Em um só beijinho teu,
Apagar o encanto seu,
Dar a morte á teu amor!

Joséfon.

— 350 —

FLAVIO.
TRECHO HISTORICO.

I.

O relógio da torre de S. Pedro, em Roma, acabava de soar por doze vezes; era noite; o joven pintor florentino, Flavio, bateu então brandamente á porta da sua pobre casa.

Uma mulher velha veio abrir-lhe a porta, e silenciosamente o ajudou a tirar o seu capote, depois do que Flavio foi assentar-se junto de uma alta, gothica chaminé.

— Suffoca-se a gente aqui, exclamou o joven pintor, respirando com difficuldade; o tempo já está tão quente, minha mãe... não poderíamos nós reduzir alguma cousa nossa despeza fazendo menos fogo?... Ha tantas cousas, que nos seriam muito mais necessarias neste momento!...

— Eu não cheguei a esta idade para viver meio de privações, respondeu a Sra. Aurelia; quando vossa mãe morrer, meu filho, ficareis então senhor de gastar á vossa vontade.

— Querida mãe, exclamou o joven pintor, com uma voz mui terna, não seria eu capaz de vender meu sangue para vos enriquecer?!...

A estas palavras a velha senhora inclinou-se para Flavio e deu-lhe um beijo.

Aurelia amava seu filho, tanto quanto se pôde amar quando se é egoísta, e a sua personalidade impedia de adivinhar que a pallidez mortal do artista era fructo de assíduos trabalhos.

— E' preciso trabalhar, filho, disse Aurelia com uma voz maviosa, porque o teu passeio devia ser-te saudavel; além disso teu esboço não se acabará, se o não retocares esta noite. — Deve-se ao homem que me vendeu esta lenha, acrescentou Aurelia lançando os olhos sobre a fogueira abrazadora.

Flavio olhou para o seu fato, que precisava ser substituído, e pensou que o dinheiro seria muito bem empregado comprando um fato novo.

— Disseste-me que não estava frio; vou deitar-me e apagar o fogo.

A Sra. Aurelia despiu-se, espalhou alguma água sobre o fogo, e foi deitar-se.

Flavio retirou-se ao seu quarto, e pegou nos lapis.

Foi á vacillante luz de uma alampada que Flavio quiz terminar seu esboço, esboço encantador, onde se via a chamma divina que abrazava o seu autor.

Não estava muito frio; mas, á força de preocupação e fadiga, Flavio sentiu um frio glacial percorrer-lhe as veias; fecharão-se-lhe os olhos contra sua vontade; finalisou por inclinar a cabeça sobre o peito; o lapis cahiu-lhe da mão, Flavio adormeceu.

A alampada apagou-se; a obscuridade era completa, quando Flavio acordou. Murmurou algumas palavras sem connexão, entre as quaes se ouvirão as de mãe, trabalho, vãos esforços para accender a sua alampada: acordou. Então mil pensamentos sinistros assaltarão seu espirito: ha pouco o fantasma da gloria cingia-lhe sua fronte de louros divinos.... logo que teve o conhecimento da realidade, Flavio não viu em torno de si senão a imagem da indigencia!.... cruel acordar do artista, e do poeta, esse monarcha sem corôa, que com a estrella da intelligencia na fronte, procura por toda a parte o seu reino, da mesma sorte que Céres, por toda a parte, procurava sua filha.

A Sra. Aurelia entrou no quarto de seu filho ao amanhecer. Encontrou Flavio ainda assentado junto a uma mesa defronte do esboço, não acabado.

— Pois que! exclamou a Sra. Aurelia, ainda não acabaste o esboço?

— Estava tão fatigado, minha mãe, que não tive animo nem de acabar o esboço, nem de me deitar. Adormeci, perdoai-me.

Pedi-lhe perdão por ter dormido!

II.

Como Flavio tinha dito, não fazia frio: mas havia dez dias que o sol estava encoberto, e a atmosfera estava fresca e humida. Algum tempo depois da scena precedente, Flavio viu, quando se levantou, o Céu coberto de espessas nuvens. Uma fraca claridade penetrava a custo no quarto do artista; mas, apesar disso, Flavio assentou-se a trabalhar até á tarde com todo o cuidado: quando anoiteceu deixou a palheta, e foi para a janella na companhia de sua mãe. Contento por ver que seu filho passava um dia todo sem manifestar o menor desejo de ir passear, Aurelia cantava em voz baixa uma antiga ária, entremediando seu canto de alegres palavras.

Logo a conversação versou sobre a festa do outro dia; era uma festa santa, e portanto necessario que a Sra. Aurelia fosse á igreja preencher seus deveres religiosos. O pensamento no dia immediato levou-a naturalmente a fallar de si, esquecendo todo o amor maternal para se tornar egoista.

— Vês, disse Aurelia a seu filho, como o meu vestido está velho! se tivesses acabado a tua vista de Sorrento a tempo, poderia ter comprado um vestido novo para amanhã. E' uma festa tão linda!...

— Eu seria muito feliz, disse Flavio a sua mãe, se pudesse satisfazer vossos desejos..., mas... ainda tenho tempo; vou satisfazer vossa vontade. Quero trabalhar toda a noite, e amanhã....

— Não, não, posso bem passar sem isso; estou tão acostumada a privações..... querido filho, não quero que trabalhes toda a noite por meu respeito.

— Oh! pois não me tendes sempre dito que a minha vida vos deve ser dedicada?!...

— 351 —

III.

Aurelia tantas vezes tinha dito a seu filho — tua vida pertence-me — que Flavio nem imaginava poder dedical-a á outro objecto. Flavio não dizia que uma boa mãe deve sacrificar-se por seus filhos; mas sim que os filhos se devem sacrificar por suas mãis. Longe de pensar assim, Aurelia considerava Flavio como o bordão da sua velhice; tinha trabalhado por suffocar em Flavio toda a paixão juvenil; tremia que elle amasse sinceramente e que sinceramente fosse amado.

Apezar das reflexões de sua mãe, Flavio deixou de repente o lugar onde estava, foi ao seu album, d'onde cortou alguns dos seus mais bellos desenhos, e ligeiro como o relâmpago, sem mesmo pensar em cobrir-se com o capote, abriu a porta e sahiu!

— Flavio! Flavio! exclamou a mãe.

Mas Flavio já não a ouviu; já corria pelas ruas, apesar da escuridão.

A chuva cahia em torrentes, formava nas ruas caudalosos rios; os relampagos, cruzando-se, espalhavam sua luz, o que depois tornava as trevas mais medonhas; rijo e frio vento sibillava; era uma noite medonha, era uma tempestade terrível; e Flavio corria sempre! A chuva inundava-lhe o fato, batia-lhe na cabeça descoberta; frio vento gelava seu rosto; mas Flavio esquecia o vento e a chuva!....

Chegou a uma das mais bellas ruas de Roma; parou defronte da habitação de um negociante mais afamado da cidade; esta casa estava fechada.

Flavio bateu á porta, ainda outra vez; mas debalde, ninguém respondeu.

Extenuado de fadiga, assentou-se em um degráu de pedra; occultou nas mãos sua fronte abatida; o cartão, que encerrava os desenhos, cahiu-lhe aos pés!

Havia já muito tempo que Flavio estava nesta dolorosa attitude, quando um homem, demorado sem duvida pela chuva, passou por diante do joven pintor para entrar em casa.

A' vista de Flavio, o desconhecido parou, examinou-o alguns minutos com curiosidade; depois, approximando-se:

— Que tendes? lhe perguntou com um modo de quem estava commovido.

Flavio descobriu seu pallido rosto, e olhou para o interlocutor com uma expressão indefinivel. Não se lembrava como estava ali, tão tarde, todo molhado, no meio de uma rua deserta. Pouco a pouco foi combinando idéas, e um raio de alegria brilhou-lhe nos olhos.

Então principiou a contar seus soffrimentos, os longos trabalhos de sua vida, suas crueis afflicções; sem mesmo indagar se tinha encontrado um ente digno de o comprehender, porque ha instantes em que a alma tem uma absoluta necessidade de confiar seus soffrimentos a alguém.

O desconhecido tinha deixado fallar o joven pintor; sómente se havia esquecido de o escutar.

Desde a primeira palavra o desconhecido tinha dito consigo que Flavio era um destes loucos, cujo mal incuravel consiste em se não quererem curar; uma destas intelligencias desprezadoras das banalidades da terra, que não vivem, mas sonhão; este homem não sonhava, vivia mais do que pessoa algum. Portanto não lhe faltava essa sensibilidade vulgar, que induz a recorrer o mais mesquinamente possível, o poeta necessitado ou o honrado mendigo; fez

signal a Flavio para que o seguisse, dirigiu-se para a casa visinha, entrou, e introduziu o artista em uma pequena sala, onde trabalhava uma criada, esperando a volta de seu amo.

— Margarida, lhe diz, depois de se ter recostado commodamente em um largo sofá; traz-me uma luz e os meus olhos, para que possa ajuizar do talento deste mancebo.

O estrangeiro recebeu os desenhos da mão de Flavio. A humidade tinha-lhe causado algum damno.

— Estão bem arruinados.... disse o homem: mas emfim poder-se-hão ainda copiar. Margarida, copial-os-heis, não é assim?

Um nobre rubor cobriu, a estas palavras, a fronte do joven pintor, que ainda fez um movimento para tirar os desenhos.

Quanto quereis por isto? disse o burguez a Flavio; bem vedes o estado em que os vendeis.

O joven disse timidamente um preço.

O desconhecido ousou regatear.

Vergonhoso, por consentir que assim fosse desacreditado seu talento, Flavio, de quem o coração era grande, bem como o de todos os artistas, deixou os desenhos por um preço vil; recebeu o dinheiro, lançando uma vista humilhada sobre seus esboços, e foi acompanhado á porta por um frio *garde-vos* Deus!

IV.

Despontava a aurora, quando Flavio entrou o limiar da casa materna. Tinha errado muito tempo pelas ruas de Roma sem poder acertar o caminho.

— Aqui tendes, minha mãe, disse Flavio, mostrando a Aurelia algumas peças de ouro, aqui tendes para comprar um vestido novo.

E cahiu fatigado sobre a primeira cadeira que se offereceu á sua vista. A Sra. Aurelia caminhou para elle, para o receber nos braços.

— Flavio! Flavio! disse Aurelia.

Flavio abriu os olhos, e disse com uma voz fraca:

— Tenho frio!

Neste momento, o fogo que ha pouco teria achado muito activo, não era sufficiente para lhe aquecer os gelados membros.

Todos os cuidados forão inuteis.

Dois dias depois a Sra. Aurelia velava junto ao moribundo Flavio.

O sangue fervia nas veias do joven pintor. Estava delirante!

— Um vestido novo para minha mãe?! repetia Flavio sem cessar. Oh! dai-me algum dinheiro para minha mãe!...

Passado algum tempo recobrou o juízo.

-351-

— Minha querida mãe, disse Flavio, levantando-se com custo, e olhando para Aurelia; encontrareis na minha carteira muitos desenhos, vendei-os, e o seu producto supprir-vos-ha algumas faltas!

E cahiu extenuado de forças sobre o travesseiro!

Um silencio mortal reinava no quarto!

Amanheceu para a luz se espalhar sobre um joven defunto e o rosto de uma mulher velha lavada em lagrimas!

Aurelia teve um vestido novo, mas foi o de luto!

(Trad.)

D. N. de L.

Anecdotas.

Deu-se um jantar de espavento, onde a ordem, a symetria e o bom gosto rivalisavão com a abundancia e profusão dos manjares. Depois, como é de uso e costume, os convidados, em suas casas, o analysavão entre si, ou relatavão-o aos que não o tinham apreciado, elogiando ou criticando a seu bel-prazer.

Um moço, muito amigo de em tudo dar a sua opinião, em uma roda em que se disputava a delicadeza dos acepipes, sendo convidado a decidir a questão, respondeu: « Oh!... tudo esteve bom; mas do que eu mais gostei foi daquelle prato de symetria! »

Queria fallar de um castello de amêndoas que estava no meio da mesa.

— Em circumstancias urgentes, teve um velho roceiro de deixar sua tóca, e vir á cidade: tratava-se de eleições, e elle era eleitor.

Recebido excellentemente em casa de um candidato que á força o quizera por hospede, demorou-se uns dias, e a final voltou á roça. « Meus filhos, dizia elle relatando-lhes suas impressões de viagem, esses senhores da côrte têm modas celebres!... Tratão-se bem, comem perfeitamente; mas ha nas suas refeições uma cousa que muito vos admiraria se visseis; e é o servirem-se de cavaquinhos de páu no fim da comida: e eu vos juro que, por mais que chupasse, por mais que mordesse, nunca lhes senti sabor! »

— O homem vaidoso pensa que todos devem regular seu pensar e seu procedimento pelos seus. — Eu rio-me de todos que me achão ridiculo, disse um dia um velho cynico diante de muitas pessoas. — Então, lhe respondeu um dos circumstantes, pessoa nenhuma no mundo se ri tanto como vós!

CHARADA.

Dos pés do homem
Resguardo a lama; 2
Nos combustíveis
Produzo a chamma. 2
 Sitio afamado
 Da Guanabara;
 Homem terrível
 Que a morte prepara
 A quantos seu braço
 N'um gesto matara!

Forão sete meus irmãos,
E eu segundo que nasci; 1
Fui terceiro a apparecer
Entre sete arpejos seus;
E quão doce eu desferi! 1
Apezar de estar em baixo
Tenho delles compaixão. 1
Assim estou livre de ferros,
Livre de dura prisão.

Joséfon.

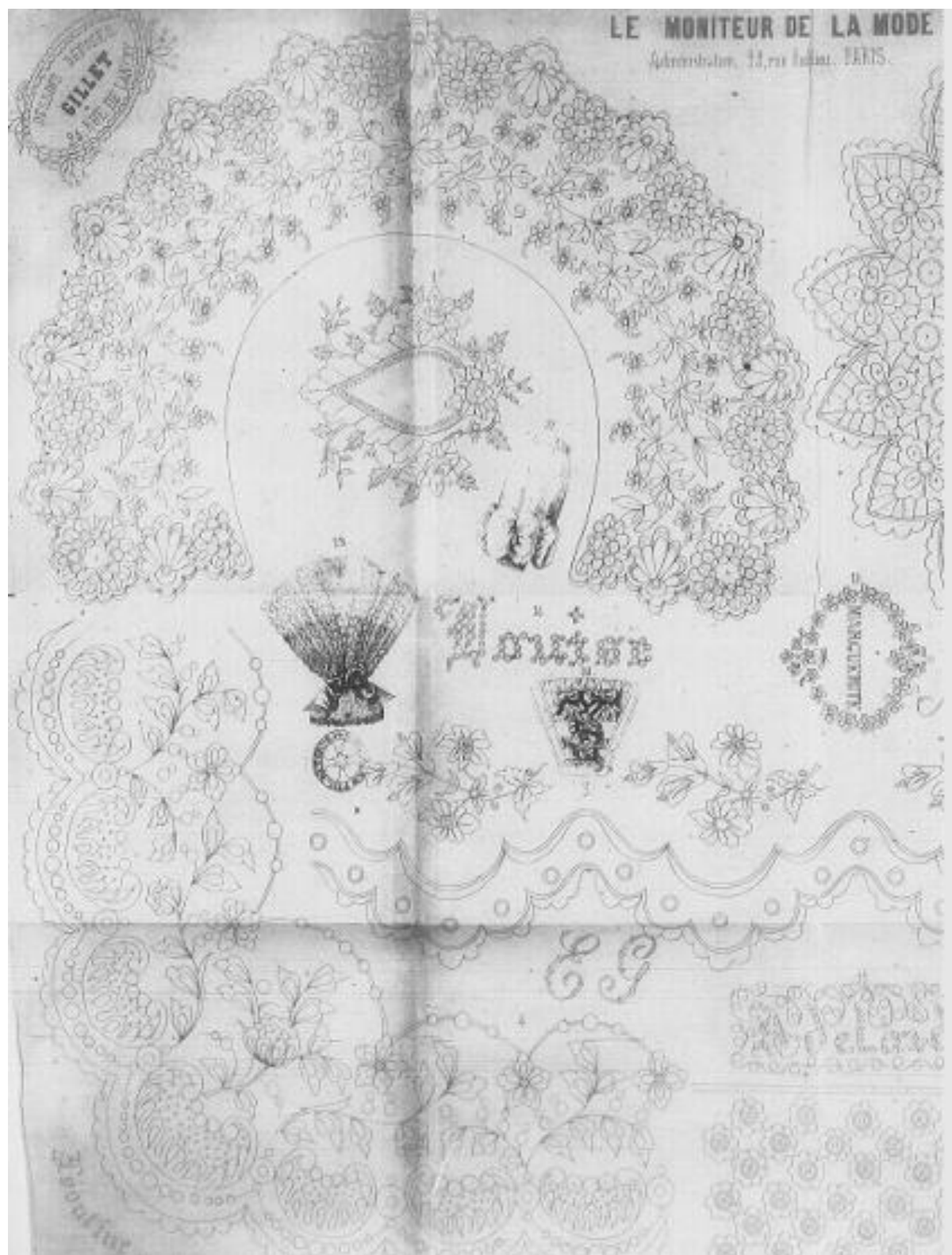
A charada do n. 45 é: *Armario.*

Acompanha este n.º 44 uma estampa com figurinos de estar em casa, de receber visitas e de passeio.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.

LE MONITEUR DE LA MODE

Administration, 33, rue de la Harpe, PARIS.



TEUR DE LA MODE

no. 32 rue Saint-Martin, PARIS.

